

## VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS ALP – 4º CICLO

Silvio Ribeiro Da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, apresento como é abordada a variação lingüística nas atividades de interpretação de textos propostas pelo livro didático ALP destinada à 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental. Minha abordagem é feita tendo em vista as orientações dadas pelo PCN de Língua Portuguesa no que se refere ao tratamento que deve ser dado à variação lingüística na sala de aula de língua materna. Além disso, sigo orientações teóricas de Travaglia (1997), Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2003), dentre outros. Os resultados evidenciam uma mínima abordagem da variação lingüística no livro em questão, bem como um excessivo número de propostas de reescrita com correção, o que acaba por não ampliar a competência comunicativa do aluno.

**PALAVRAS-CHAVE:** variação lingüística, livro didático, ensino de língua portuguesa

**Abstract:** In this paper, I show how the linguistic variation is dealt in the textual interpretation activities offered by the textbook ALP designed for the 7th and 8th grades of the Brazilian Junior High School. My approach follows the guidelines set by the Portuguese Language PCN related to the treatment that must be done to linguistic variation in the Portuguese as a mother tongue classroom. Besides, I follow the theoretical orientations of Travaglia (1997), Bortoni-Ricardo (2004), Marcuschi (2003), among others. The results show that there is a minimum linguistic variation approach in the textbook analyzed as well as an excessive amount of rewriting with correction suggestions, what has not expanded the students' communicative competence.

**KEY-WORDS:** linguistic variation, textbook, Portuguese language teaching

### INTRODUÇÃO

A variação lingüística tem sido assunto discutido em variados trabalhos de pós-graduação, artigos científicos e livros que abordam a Sociolingüística. No entanto, o resultado das pesquisas que vêm sen-

<sup>1</sup> Mestre em Lingüística (Universidade Federal de Uberlândia/MG), Doutorando em Lingüística Aplicada (UNICAMP) Docente: da Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí. Contato: [shivonda@gmail.com](mailto:shivonda@gmail.com)

do feitas ainda não tem sido percebido no ensino de língua materna. O ensino, tanto o das escolas públicas quanto o das escolas privadas, precisa absorver a valiosa contribuição que traz a Sociolingüística.

Muitos professores, especialmente os mais apegados à tradição gramatical, temem a entrada de novas concepções de ensino, demonstrando uma grande insegurança em relação a novas metodologias de ensino da língua. Porém, de maneira muito tímida, é possível visualizar a introdução de uma mudança. Isso vem sendo percebido em alguns livros didáticos que tratam da questão da heterogeneidade dialetal. Esse ponto é bastante discutido também nos Parâmetros Curriculares Nacionais no volume dedicado à língua materna.

É necessário que haja uma diminuição na distância existente entre os alunos das classes sociais menos favorecidas e a escola. Essa distância é percebida, inclusive, quando o aluno já se encontra na escola, mas se sente excluído pelo uso de um dialeto desprestigiado.

A partir da democratização da escola, a entrada de alunos de classes sociais desfavorecidas tem sido enorme. Assim, essa clientela precisa ser aceita, não apenas tolerada. Os alunos precisam perceber dentro da escola o seu espaço, reconhecendo-se nos textos dos livros usados por ela, percebendo o respeito ao seu dialeto e à sua cultura. É preciso se lembrar que um dos objetivos gerais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental é o respeito às diferentes variedades lingüísticas do português falado.

Para discutir como a questão da variação lingüística é abordada no livro didático usado nas escolas públicas de uma cidade do interior de Goiás apresento este artigo, dividido em sete partes: na primeira, apresento a discussão teórica que ampara a avaliação dos dados; na segunda discuto as relações entre a escola e a variação lingüística; na terceira abordo a variação no livro didático de português; na quarta mostro a metodologia usada para a realização do trabalho de coleta e análise dos dados, na quinta apresento o livro em observação e as considerações a seu respeito, em seguida, na sexta parte, teço algumas considerações finais para, na sétima e última parte, trazer as referências bibliográficas que foram utilizadas ao longo do artigo.

Convém esclarecer que as considerações sobre o livro da 8ª série são breves por conta de que no volume quase não aparecem atividades que explorem a variação lingüística.

## 1. A VARIÇÃO LINGÜÍSTICA

Segundo Weinrinch, Labov & Herzog (1968) e Labov (1972), a variação lingüística é inerente a todo e qualquer sistema lingüístico e esta variação não é aleatória, mas, sim, governada por restrições lingüísticas e extralingüísticas. Labov (1972) afirma que a existência da variação e estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é certamente um fato bem estabelecido, porque, apesar de durante muitos anos ter imperado entre os lingüistas o mito da existência de comunidades de fala homogêneas, o desenvolvimento constante de novas pesquisas tem revelado que a heterogeneidade não é somente comum, mas o resultado natural de fatores lingüísticos.

Um aspecto importante para o estudioso da variação lingüística diz respeito aos padrões de comportamento lingüístico identificados em uma dada comunidade de fala, resultados da ação de uma série de fatores que intervêm na atividade lingüística concreta. Esses fatores que atuam sobre o comportamento lingüístico dos falantes podem ser de duas naturezas: de um lado, estão aqueles relativos às características sociais do falante, tais como sua idade, seu sexo, seu nível de escolaridade, a classe social a que pertence. Estes são chamados de **fatores sociais** ou **extralingüísticos**<sup>2</sup>. De outro lado, estão os fatores que dizem respeito aos contextos da estrutura lingüística que condicionam a ocorrência de uma outra variante, os quais são chamados de **fatores lingüísticos** ou **internos** (Mollica, 2003).

<sup>2</sup> Segundo Preti (2003), várias são as tentativas de classificação dos fatores extralingüísticos, que influem na maneira de falar, e elas envolvem distinções geográficas, históricas, econômicas, políticas, sociológicas, estéticas. Muitas estão diretamente ligadas ao fenômeno da comunicação e colocam problemas de relacionamento no trinômio *falante-ouvinte-situação*.

A variação ocorre toda vez que duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto, estão presentes com certa frequência e sistematicidade em uma dada comunidade de fala. Para haver variação, é preciso que seja avaliado se as diferentes possibilidades de expressão estão correlacionadas a determinados contextos estruturais específicos ou a dadas situações de uso da língua, de modo sistemático e freqüente.

A essas várias possibilidades de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, dá-se o nome de **variantes lingüísticas**. O conjunto das variantes de um mesmo modo de dizer constitui a **variável lingüística** a ser investigada (Monteiro, 2000).

As variantes lingüísticas podem ser designadas como **variantes de prestígio, variantes estigmatizadas, variantes inovadoras e conservadoras** (Monteiro, op. cit.).

Uma variante é considerada de prestígio quando for associada a um falante ou grupo social de *status* considerado superior. A variedade lingüística própria da classe dominante se impõe como marca de prestígio e determina a atitude dos falantes dos grupos dominados face à sua própria variedade. De acordo com Labov (1972), a variedade das classes dominadas tende a se desestruturar quando em contato com a variedade da classe dominante. Isso tende a gerar inúmeros sentimentos de inferioridade lingüística, que acabam por levar diversos falantes a se envergonharem do próprio dialeto.

Uma variante estigmatizada é aquela comumente usada por pessoas de classes sociais mais desfavorecidas. Uma vez que a variação lingüística pressupõe a valoração social, as variantes empregadas por esses grupos sociais são, em grande parte, estigmatizadas. Se a variante for aceita pela classe dominante, a diminuição do estigma é visível, a ponto de ele deixar de existir.

A variante conservadora é aquela mais “antiga”. A inovadora é aquela que tende a substituir a “antiga”. Naturalmente tem acontecido, em Português, uma substituição das variantes mais conservadoras por outras mais inovadoras. Isso ocorre devido ao fato de que, havendo existência de duas ou mais maneiras de se transmitir uma dada informação, seja configurado um processo de mudança lingüística. Com isso, é comum perceber uma espécie de conflito entre as formas conservadora e inovadora.

Preti (2003) diz que o estudo da variação lingüística pode ser enquadrado em dois amplos campos, em que o primeiro abrange o segundo. No quadro a seguir, apresento como esses campos são caracterizados pelo autor.

### Quadro 1: Variedades Lingüísticas Diatópicas (Geográficas)

Linguagem Urbana	Dialeto ou Falares Regionais
Linguagem Rural	

## Quadro 2: Variedades Lingüísticas Diastráticas (Socioculturais)

<b>Ligadas ao falante por influência de</b>	Idade	Dialeto Social <sup>3</sup> : culto <sup>4</sup> /popular <sup>5</sup>
	Sexo	
	Raça	
	Profissão	
	Posição Social	
	Grau de Escolaridade	
	Classe Econômica	
	Local em que Reside	
<b>Ligadas à situação por influência de</b>	Ambiente	Níveis de Fala ou Registros <sup>6</sup> : formal <sup>7</sup> / coloquial <sup>8</sup>
	Tema	
	Estado Emocional do Falante	
	Grau de Intimidade entre os Falantes	

<sup>3</sup> Travaglia (1997) diz que dialeto é a variedade lingüística que ocorre em função das pessoas que usam a língua.

<sup>4</sup> Preti (2003) diz que dialeto social culto é aquele em que predomina padrão lingüístico mais alto. Ocorre em situações mais formais e é mais ligado à gramática e à língua usada pelos escritores.

<sup>5</sup> Preti (2003) diz que dialeto social popular é aquele em que predomina um subpadrão lingüístico. Ocorre em situações menos formais, possui vocabulário mais restrito, simplificação sintática e está fora dos padrões da gramática tradicional.

<sup>6</sup> Travaglia (1997) diz que registro é a variedade lingüística que ocorre em função do uso que se faz da língua. Varia conforme o receptor da mensagem ou da situação.

<sup>7</sup> Preti (2003) diz que registro formal é aquele em que ocorre predomínio da língua culta, comportamento lingüístico mais refletido e vocabulário técnico.

<sup>8</sup> Preti (2003) diz que registro coloquial é aquele em que predomina a linguagem popular, comportamento lingüístico mais distenso, gíria, linguagem afetiva e expressões obscenas.

## 2. A ESCOLA E A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Segundo Travaglia (1997), um dos objetivos do ensino de língua materna é o desenvolvimento da competência comunicativa dos usuários da língua. Para isso, é preciso que a escola se abra para uma pluralidade dos discursos. Uma das dimensões dessa pluralidade diz respeito às variedades lingüísticas.

Todos sabem que existe uma infinidade de variedades lingüísticas, mas é comum a longa tradição social em considerar a

variação numa escala valorativa, a qual leva a tachar os usos característicos de cada variedade como certos ou errados.

Se as pessoas acreditam na existência de uma variedade de usos lingüísticos, é preciso que sejam realizadas atividades de ensino/aprendizagem da língua materna. Não é conveniente, segundo o autor, insistir no trabalho apenas com uma das variedades, a culta, discutindo apenas suas características e buscando somente o seu domínio em detrimento das outras formas de uso da língua que podem ser mais adequadas em certos contextos.

Na opinião de Travaglia, não cabe o argumento de trabalhar apenas com a norma culta porque o aluno já domina as demais. Para ele, isso não é verdade, uma vez que o aluno, ao chegar à escola, pode dominar bem uma ou duas variedades e alguns elementos de várias delas, mas sempre tem muito que aprender de diversas variedades, inclusive das que ele já domina.

Para Cagliari (1997), na escola, a variação lingüística é vista como uma questão gramatical, de certo e errado. O diferente não tem lugar em sua avaliação, embora represente a maioria dos fatos que o professor enfrenta. A escola, não entendendo esses fatos adequadamente, comete grandes injustiças com os alunos.

Na discussão do autor, um outro ponto em respeito ao certo, ao errado e ao diferente está ligado à valorização indevida que se dá à escrita. A escola, para o autor, comumente leva o aluno a pensar que a linguagem correta é a escrita, que ela é, por natureza lógica, clara, explícita, ao passo que a falada é mais confusa, incompleta, sem lógica.

Embora muitas pessoas achem que não, as pessoas tendem a se entender mais claramente falando do que escrevendo, até porque, no Brasil, infelizmente, ainda existe um número muito grande de pessoas analfabetas. Outra idéia que muito povoa a realidade imaginária das pessoas é a de que a língua escrita é mais sutil que a fala e que desperta mais emoções do que ela. De acordo com Cagliari, tudo depende da maneira como as coisas são ditas, não simplesmente do fato de serem faladas ou escritas.

Na sala de aula, quando o aluno usa uma regra não-padrão, geralmente, o professor intervém. Nas duas últimas décadas, os educadores, seguindo uma pedagogia mais lingüística, têm feito um trabalho importante, mostrando que é pedagogicamente incorreto usar a ocorrência do erro do aluno como uma oportunidade para humilhá-lo (Bortoni-Ricardo, 2004).

Contrária a essa idéia da humilhação, uma prática culturalmente sensível aos saberes dos alunos tem estado atenta às diferenças perceptíveis entre a cultura que eles representam e a da escola. Essa prática tem mostrado ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças.

Conforme Bortoni-Ricardo, efetuar essa conscientização ainda é uma tarefa difícil para os professores, que ficam inseguros, sem saber se devem ou não corrigir os alunos e que erros devem ser corrigidos, ou ainda se podem usar o termo erro.

Bortoni-Ricardo diz ter realizado pesquisas nas quais pôde identificar alguns padrões principais na conduta do professor perante a realização de uma regra lingüística não-padrão pelos alunos. Dentre esses padrões, destaco:

- O professor identifica “erros de leitura”, isto é, erros na decodificação do material que está sendo lido, mas não faz distinção entre diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura, tratando-os todos da mesma forma;
- O professor não percebe uso de regras não-padrão. Isto se dá por duas razões: ou o professor não está atento ou o professor não identifica naquela regra uma transgressão porque ele próprio a tem em seu repertório. A regra é, pois, “invisível” para ele;
- O professor percebe o uso de regras não-padrão e prefere não intervir para não constranger o aluno;
- O professor percebe o uso de regras não-padrão, não intervém, e apresenta, logo em seguida, o modelo da variante padrão.

Na opinião da autora, o padrão de comportamento do professor em relação ao uso de regras não-padrão pelos alunos depende basicamente do tipo de evento em que essas regras ocorrem. Como regra geral, observa-se que quase nunca os professores intervêm para corrigir os alunos durante a realização de um evento de oralidade realizado com pouca exigência de monitoração.

### 3. A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998: 20) já concebem a linguagem como um processo de *interlocução que só se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história*. Eles trazem a concep-

ção de língua como um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade (dentro desse significar, acredito que a variação lingüística aparece como fenômeno inerente à linguagem humana).

Apesar disso, a maioria dos livros didáticos reserva pouco espaço para o tratamento do fenômeno da variação lingüística. Muitos professores acabam tendo, nessas poucas atividades, a única referência para tratar do assunto<sup>9</sup>.

Acredito que o tratamento da variação lingüística não deveria ser feito em apenas uma unidade do livro didático, mas ser uma discussão constante desde o início da formação escolar. Ocorre que o professor quase nunca sabe como lidar com esse fenômeno, e raras vezes os autores dão a orientação necessária para o tema<sup>10</sup>.

O que pode ser percebido com frequência nos livros didáticos é o trabalho veemente com a variedade de prestígio. O que estou colocando aqui não é para ser visto como uma negação ao trabalho com a variedade de prestígio na escola. É evidente que ela precisa ser trabalhada. A colocação que faço é a semelhante a que Travaglia (1997) faz, ao dizer não ser conveniente apresentar a variedade culta da língua como a única possível no uso da língua.

Ainda concordando com Travaglia, argumento que o ensino da variedade culta deve ser feito, porém partindo de uma postura diferente daquela que diz que ela é a norma correta a ser seguida, e que tudo que foge a ela está errado.

Não é comum perceber livros didáticos que apresentem conteúdos selecionados e organizados de maneira adequada para facilitar o ensino da variedade culta da língua. As atividades apresentadas são de gramática normativa, o que pouco contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno e não faz com que ele entenda o fenômeno de variação lingüística.

A heterogeneidade lingüística não ganha o tratamento que deveria ganhar nos livros didáticos. Lemle (1978) diz que a heterogeneidade deveria ser considerada como a existência de gramáticas diferentes, de dialetos variados. Assim, o aluno perceberia que, conforme determinada gramática, uma forma de falar seria a adequada em decorrência do meio social na qual essa forma é concretizada.

<sup>9</sup> Hipotetizo que uma má formação feita na graduação impede que grande parte dos professores vá além do que o livro didático apresenta sobre a variação lingüística.

<sup>10</sup> Foi o que percebi também no livro em discussão neste estudo.



Em Franchi (2002) tem-se a apresentação de uma forma de fazer os alunos perceberem as variações da língua e respeitá-las. Seria interessante que o livro didático seguisse esse tipo de orientação.

Grande parte dos livros didáticos de Português apresenta uma espécie de contrariedade ao tratamento das variações lingüísticas que sejam diferentes da norma culta. Segundo Marcuschi (2003: 24), seria interessante que o livro didático mostrasse a língua falada e discutisse o fato de que a noção de um dialeto padrão uniforme é uma noção teórica e não tem um equivalente empírico. Entre muitas outras coisas, segue o autor, a abordagem da fala deve permitir a entrada em questões geralmente evitadas no estudo da língua, tais como as noções de *norma*, *padrão*, *dialeto*, *variante*, *sotaque*, *registro*, *estilo*, *gíria*. Discussões a esse respeito podem tornar-se centrais no ensino de língua e ajudar a formar a consciência de que a língua não é homogênea nem monolítica.

#### 4. METODOLOGIA DE TRABALHO

Metodologicamente falando, o trabalho realizado para coleta e análise dos dados apresentados neste artigo fica enquadrado na perspectiva teórica da *pesquisa aplicada* (Marconi & Lakatos, 1996), cuja caracterização se dá pelo seu caráter prático, isto é, em que os resultados são aplicados ou utilizados na solução de problemas que ocorrem na realidade. Além disso, é um trabalho do tipo *experimental* (Hymann, 1997), cujos levantamentos têm como objetivo a aplicação, modificação e/ou mudança de alguma situação ou fenômeno.

Por se tratar de um trabalho que analisou propostas de produção escrita num manual de ensino usado na/pela escola, necessitei apenas dos volumes aqui apresentados. A partir disso, e com base nos teóricos que abordam o tema, procedi ao levantamento e análise dos dados, apresentados na seqüência.

#### 5. O LIVRO DIDÁTICO EM OBSERVAÇÃO

Segundo Fernandes & Hailer (2005), autores do livro, a proposta dessa coleção nasceu da busca de uma postura pedagógica que propiciasse a descoberta do conhecimento, a criatividade e a expressão do aluno.

O que provocou essa busca proposta por eles foi a constatação de que o trabalho com a Língua Portuguesa nas

escolas era, até então, um processo que privilegiava o conhecimento das letras e das sílabas e consistia em uma série de tarefas que reduziam o leitor à condição de um mero decodificador de palavras e frases e o escritor a um reproduzidor de estruturas textuais modelares. Era uma prática baseada, na opinião deles, no treino ortográfico e gramatical que culminava num aluno sem habilidade de compreensão e expressão.

Segundo os autores, os objetivos da coleção são:

- Levar o aluno a observar, perceber, descobrir e refletir sobre o mundo e interagir com seu semelhante através do uso funcional de linguagens;
- Desenvolver a competência do educando no uso da língua para a solução de problemas cotidianos;
- Possibilitar o acesso à produção cultural da humanidade e a participação plena no mundo letrado em que vivemos.

Cada um dos livros é constituído por três unidades. Nessas unidades, segundo os autores, trabalha-se a linguagem com textos diversificados, explorados em atividades que enfatizam os eixos específicos do componente curricular da Língua Portuguesa: linguagem oral, leitura, produção, gramática e literatura.

### 5.1. Volume Da 7ª Série

O texto *Da Utilidade dos Animais*, da primeira unidade, apresenta uma questão, na seção exploração, sobre variação lingüística. O texto, uma narrativa, mostra para que servem os animais ao Homem.

(1)

1- *Retire do texto exemplos de linguagem coloquial e passe-os para a linguagem culta.*

(p. 23)

A proposta do livro não é diferente das demais que são feitas nos volumes anteriores (3º ciclo). Novamente os autores solicitam a mudança de uma variedade para a outra, mas não dão qualquer tipo de esclarecimento sobre o porquê disso, qual sua finalidade e o que de concreto tal atividade pode representar para o entendimento dos alunos a respeito do fenômeno da variação lingüística.

O primeiro texto da segunda unidade, *Capitães de Areia*, de Jorge Amado, traz mais questões sobre variação lingüística, na seção exploração, não muito diferentes das demais que, segundo Dionísio (2003), ficam enquadradas como exercícios de *gramática de uso*, que são aqueles que solicitam a passagem de uma forma para outra, como no recorte a seguir.

(2)

1- No texto, há um diálogo entre Pedro Bala e Dora. Pela linguagem das personagens, identifique a classe social a que pertencem e justifique.

2- O texto registra um diálogo na linguagem coloquial. Dê exemplos que comprovem essa afirmação.

3- Escolha um trecho do diálogo e reescreva-o em linguagem padrão ou culta.

(p. 49)

Foi a primeira vez ao longo da coleção em que houve menção ao fato de ser a linguagem ligada à posição social dos falantes. Por mais que seja real essa ligação, ela acaba por disseminar preconceitos, uma vez que concretiza no ideário das pessoas o fato de que quem é de classe social desfavorecida não sabe usar a linguagem culta, e quem é de classe social favorecida só usa a linguagem culta.

Talvez, a classe social dos falantes (personagens do texto) não seja percebida exclusivamente pela linguagem que eles usam, mas por outras características figurativas que eles apresentam, tal como o fato de Dora ter vestido calças que foram doadas. Como as calças ficaram grandes, ela as cortou e as amarrôu com cordão. Por se tratar de um excerto do livro de Amado, fica difícil de os alunos perceberem que os personagens são meninos de rua. Isso sim demonstraria a classe social a qual pertencem. Se a eles tivessem sido feitos esclarecimentos mais detalhados sobre a obra, teriam a oportunidade de perceber isso e de não ficar com idéias equivocadas a respeito da relação entre linguagem e posição social. Com isso, a questão 3 acaba por descaracterizar a obra de Amado.

O 4º texto desta unidade ainda aborda o tema *meninos de rua*. O texto *Cem Milhões de Crianças Vivem nas Ruas* foi publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 1993. Relacionando este texto ao de Amado, o livro apresenta a seguinte questão:

(3)

4- Quais as diferenças entre esses textos em relação à época e à linguagem?

(p. 54)

Mais uma vez o livro poderia ter chamado a atenção dos alunos para o fato de os textos pertencerem a gêneros diferentes, a situações e a esferas de produção e circulação também diferentes: o primeiro traz diálogos, o segundo só dados estatísticos.

O 9º e o 10º textos trazem uma questão de exploração que toca no tema variação lingüística. O 9º texto, *Fotógrafo diz que sofreu 36º roubo desde 77*, é uma reportagem publicada no jornal *Folha de São Paulo* de 07 de junho de 1994. A reportagem fala de um fotógrafo que foi assaltado nas ruas de São Paulo. O 10º texto, *Foi assaltado 38 vezes*, também notícia de jornal, foi publicado no mesmo dia, mas no jornal *Notícias Populares*.

A questão é a seguinte:

(4)

1- Quais as semelhanças e diferenças entre as duas notícias quanto a:

a) Assunto                      b) Personagem                      c) Vocabulário e expressões

(p. 64)

No item c da questão, a intenção é fazer com que os alunos percebam, pela primeira vez, as diferenças entre o *registro formal* e o *coloquial*. Ambos os textos são escritos utilizando linguagem jornalística clara e objetiva, na forma padrão. A diferença é o tipo de abordagem feita levando em consideração o leitor que receberá a notícia. O jornal *Folha de São Paulo* é consumido por um grupo de leitores mais elitizados, ao contrário do jornal *Notícias Populares*, cuja popularidade já pode ser sentida no nome.

Faltou ao livro esclarecer ao aluno o que é registro, a diferença entre registro e dialeto e entre *registro formal* e *informal*<sup>11</sup>. Até então, as questões eram feitas partindo da variação lingüística do locutor produtor dos enunciados. Foi a primeira vez que a variação lingüística foi mostrada em contextos nos quais ela existe em função do interlocutor, no caso o leitor.

<sup>11</sup> Na discussão teórica, apresentei algumas considerações sobre dialeto e registro.

O terceiro texto da Unidade III, *No País do Futebol*, de Carlos Eduardo Novaes, uma crônica, apresenta *Juvenal Ouriço*, fanático torcedor que se põe frente a uma loja de televisores, ao lado de outros tantos torcedores, esperando por um jogo da seleção brasileira, até que um comprador adquire o televisor e o leva.

Na atividade de extrapolação, a última que aborda a variação lingüística no livro da 7ª série, como na maioria das vezes nos volumes até então mostrados, aparece uma questão muito semelhante às outras apresentadas anteriormente.

(5)

2- Nos diálogos, a linguagem utilizada é coloquial ou culta? Dê exemplos para justificar sua resposta.

(p. 97)

A questão parece querer chamar a atenção do aluno para a linguagem usada nos diálogos. Porém, ela deveria ter abordado a situação em que o diálogo ocorreria, uma vez que, dependendo do diálogo, a linguagem adequada é a culta, já em outro a popular é aceita sem restrições. Na questão não fica claro se os diálogos aos quais é feita referência são os do texto ou de qualquer outra situação.

## 5.2. Volume Da 8ª Série

No último volume da coleção, a primeira e única referência à variação lingüística acontece no 11º texto. Isso vem demonstrar, na prática, o quanto as orientações do PCN de Língua Portuguesa ainda não são atendidas.

O texto usado, cujo título é *Mensagem do Plano 100® para o Dia dos Namorados*, é uma propaganda. Fala sobre um plano em que jovens casais podem comprar um apartamento e pagar em apenas 100 parcelas.

A questão apresentada no livro é a seguinte:

(6)

9- Observe:

“E em fechaduras o Plano 100® está fechado com a La Fonte”. O que significa a expressão “está fechado” nesta frase?

(p. 41)

Aparentemente o que o livro espera é que os alunos percebam que a expressão é coloquial e significa um compromisso em utilizar fechaduras dessa marca considerada boa.

Novamente uma questão adequada à discussão do *registro coloquial*. Porém, o livro não traz qualquer menção a isso. Os alunos teriam que se recordar do que foi feito na série anterior, quando numa questão semelhante era solicitado que o aluno percebesse a diferença de registro usado em dois jornais, um elitizado e outro popular.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha pretensão neste trabalho foi mostrar como o livro **ALP** – 4º ciclo do Ensino Fundamental – aborda a questão da variação lingüística nas atividades de interpretação e exploração textuais.

A abordagem que um livro didático de Língua Portuguesa deve fazer quanto ao tratamento da variação lingüística deve ser aquela em que o professor desenvolva trabalhos sobre a língua, proporcionando aos alunos a possibilidade de ampliar seus conhecimentos lingüísticos e saber utilizá-los de forma eficaz nas diferentes situações da vida cotidiana (Matêncio, 2001).

Pelo que detectei nos volumes observados, as questões que abordam a variação lingüística são em número muito reduzido, conforme demonstrado na tabela a seguir.

**Tabela 1: Ocorrências de variação lingüística nas atividades do livro em cada série**

7ª série	2%
8ª série	1%

Apesar de a variação lingüística ser tão presente na vida de todas as pessoas, os volumes observados abordam o fenômeno com uma freqüência extremamente baixa. As propostas feitas pelo livro ficam apenas no nível da identificação e da substituição de uma variedade por outra, sempre trocando a forma coloquial pela forma culta.

Encaro esse tipo de proposta como uma espécie de tentativa de fazer com que o aluno simplesmente abandone uma forma de falar e assuma outra, bem vista e aceita pela classe socialmente privilegiada.

A atividade de reescrita com correção talvez ajudaria a sanar algum tipo de problema, como o ortográfico, por exemplo, mas, mais eficiente do que simplesmente solicitar reescrita com correção, seria apresentar ao aluno uma situação em que ele pudesse confrontar as formas do padrão com as do não padrão, formulando regras que norteiam as variedades da língua, tendo a oportunidade de ampliar a sua competência comunicativa.

No tratamento da variação lingüística, atividades nessa ótica chamariam a atenção para os efeitos de sentido que as diferentes variações podem produzir na interlocução. Segundo Travaglia (1997), seria uma reflexão voltada para a semântica e a pragmática, questionando em que situação uma variedade pode e/ou deve ser usada e com que fim, produzindo que tipo de efeito de sentido.

As propostas feitas pelo livro solicitam a mudança de uma variedade para outra tendo como referência a língua escrita. Não percebi uma citação ao fato de que muitas das ocorrências de variação lingüística não padrão, presentes nos textos do livro, eram ocorrências de fala, e que a fala é diferente da escrita.

Quando o livro sugere a mudança de variedade, vem à memória uma afirmação de Gnerre (1998: 108), quem diz que

(...) O modelo ideal e talvez inconsciente de língua padrão é o das línguas escritas, como uma tradição não somente de variedade escrita, mas mais especificamente de uma variedade própria para conteúdos científicos.

O modelo de língua assumido, diz ainda o autor, é o da língua escrita, como dito anteriormente, longe das modalidades e gêneros expressivos próprios da oralidade. Dessa forma, é realizado o tipo mais sutil de dominação: a de chegar a convencer os dominados de que sua língua pode e deve ser usada à imagem e semelhança dos dominadores.

Gnerre diz ainda que esse tipo de dominação compete com outras modalidades, como a de convencer os dominados de que a língua deles é inferior e que seria melhor para eles deixá-la de lado em favor da língua dos dominadores, se realmente querem progredir.

Concordando com Geraldi (1997), defendo que o professor de Língua Portuguesa deve oportunizar ao aluno o domínio

de outra forma de falar, a variedade culta da língua, sem que isso signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social. Para o autor, é preciso romper com o bloqueio de acesso ao poder. Se a linguagem serve para bloquear esse acesso, pode servir também para rompê-lo.

No que diz respeito ao registro, as atividades propostas pelos volumes em observação apenas solicitam que o aluno perceba as diferenças entre a linguagem, mas não solicita atenção para o porquê da variação, considerando o interlocutor do enunciado. Mas o que seria uma atividade abordando o registro de forma adequada? Travaglia (1997: 125) sugere atividades de escrita e fala que contribuiriam para que o aluno percebesse as diferentes escritas e falas adequadas à elaboração de textos diferentes, variando o registro.

(1)

Escrever:

- a- *para um colega pedindo que entregue seu trabalho de Português ao professor, já que você viajou para fazer um concurso em outra cidade;*
- b- *ao professor de História justificando sua falta à aula no dia X, já que você viajou para um concurso e neste dia haverá prova;*
- c- *à diretora do colégio, explicando que você faltará à aula por uma semana porque viajou para fazer um concurso em outra cidade e pedindo-lhe que comunique o fato aos demais professores.*

(p. 125)

(2)

*O Dr. Antônio é médico de Paulo e descobriu que este tem uma doença incurável em estado avançado e que poderá morrer logo. Escolha que doença seria essa e imagine como o Dr. Antônio falaria para dar a notícia:*

- a- *a Paulo;*
- b- *à família de Paulo;*
- c- *a amigos de Paulo;*
- d- *aos médicos que também estão tratando de Paulo.*

(p. 127)

Nos volumes observados, em nenhum momento aparecem propostas de produção escrita, simulando ou não eventos de fala, em que os alunos deveriam usar diferentes variações,



sejam dialetais, sejam de registro. Também não aparecem considerações a respeito das variações diatópicas, jargões e gírias.

Acho por bem considerar que a escola democrática é aquela que dá abertura a todos os alunos, independente da classe social a qual façam parte. Porém, para ser democrática não basta abrir as portas aos alunos, é preciso reconhecer a variedade lingüística usada por eles e respeitá-la, sem, contudo, deixar de ensinar a variedade de prestígio.

Mas não basta que a escola reconheça e respeite a variedade lingüística dos alunos. É preciso que ela lhe ofereça instrumentos para que ele aprenda a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente (PCN: 49).

Deveria haver, por parte dos autores de livro didático e dos professores, um amadurecimento quanto ao entendimento das variedades lingüísticas vivas nas diversas comunidades. Essas variedades, indiscutivelmente, são transportadas para a escola, e precisam, por parte dos professores, de atitudes esclarecedoras em relação ao aluno. Eles precisam evitar qualquer julgamento de valor a respeito das variações.

Concordo com Dionísio (2003) ao afirmar que pesquisas na área da Sociolingüística e da Lingüística Textual terão grande utilidade para os escritores de livros didáticos de Língua Portuguesa, uma vez que trazem à tona discussões esclarecedoras a respeito do valor que cada variedade tem no meio social onde é usada.

É Possenti (1996, apud Dionísio, 2003: 88) quem diz que não se trata de substituir os manuais de análise sintática por capítulos sobre variação lingüística, muito menos por listas de maneiras próprias de dizer de ricos e pobres, situações formais e informações, moradores do sul e do nordeste. Os professores e os autores de livro precisam de bom senso, um pouco de capacidade de observação e disposição para não levar adiante idéias puristas em relação à língua.

## REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais - 3º e 4º ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa**. Brasília/DF: SEF/MEC, 1998.

- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- DIONÍSIO, A. P. "Variedades lingüísticas: avanços e entraves". In \_\_\_\_ & BEZERRA, M. A. [Org]. **O livro didático de português**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- FERNANDES, M. & HAILER, M. A. **ALP – análise, linguagem e pensamento: a diversidade de textos numa proposta socioconstrutivista – 5ª à 8ª séries**. São Paulo: FTD, 2005.
- FIORIN, J. L. **Elementos da análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.
- FRANCHI, E. **A redação na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GERALDI, J. W. "Concepções de Linguagem e Ensino de Português". In \_\_\_\_ [org.]. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HYMANN, H. **Planejamento e análise da pesquisa**. Rio de Janeiro: Lidador, 1997.
- LABOV, W. **Sociolingüistic pattern**. Oxford: Basil Blackwell, 1972.
- LEMLE, M. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileira, 1978.
- LYONS, J. **Linguagem e Lingüística**. São Paulo: Guanabara, 1987.
- MARCONI, M. de A. & LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.
- MARCUSCHI, L. A. "Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco 'falada'". In: DIONÍSIO, Â. P. & BEZERRA, M. A. [Org]. **O livro didático de português**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MATÊNCIO, M. de L. M. **Estudo da língua falada e aula de língua materna**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- MOLLICA, M. C. "Relevância das Variáveis não Lingüísticas". In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, J. L. **Para compreender labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PRETI, D. **Sociolingüística: os níveis de fala**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1997.

WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. "Empirical Foundations For a Theory in Language Change". In LEHMANN, W. P. & MAKIEL, Y. (eds). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, p. 95-188, 1968.

Recebida em: 25/08/06

Aprovada em: 22/09/06